

**Zaíta não será esquecida:
a vida em fragmentos e as crianças em Conceição Evaristo**
Zaíta will not be forgotten: life in fragments and children in Conceição Evaristo

LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI¹

SOFIA FINGUERMANN E FERNANDES²

Resumo: Este estudo procura refletir sobre a violência em comunidades brasileiras empobrecidas e com uma forte presença criminal, conforme retratado pela autora brasileira contemporânea Conceição Evaristo, a partir da análise do conto «Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos» (2014). Considerando a forma extrema de agressão sobre as crianças, como o uso da força física ou psicológica para imposição de uma vontade e controlo, esta passa por condicionamentos que se manifestam por processos de autoritarismo, repressão, segregação e exclusão social. O conto analisa as consequências de um modo de pensar, agir e de se colocar em relação ao outro marcado por experiências diretas e indiretas de violência que se replicam num círculo vicioso e que resultam em vidas que são como o brinquedo mutilado e perdido da pequena Zaíta.

Palavras-chave: Violência urbana; autoritarismo; literatura brasileira contemporânea; Conceição Evaristo.

Abstract: This study seeks to reflect on violence in impoverished Brazilian communities with a strong criminal presence, as portrayed by contemporary Brazilian author Conceição Evaristo, based on the analysis of the short story «Zaíta forgot to put the toys away» (2014). Considering the extreme form of aggression against children, such as the use of physical or psychological force to impose a will and control, this goes through a conditioning that is manifested by processes of authoritarianism, repression, segregation and social exclusion. The short story analyzes the consequences of a way of thinking, acting and placing oneself in relation to the other marked by direct and indirect experiences of violence that are replicated in a vicious circle and that result in lives that are like the mutilated and lost toy of the little girl Zaíta.

Keywords: Urban violence; authoritarianism; contemporary Brazilian literature; Conceição Evaristo.

¹ Universidade da Madeira; CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0904-665X>.

² Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9979-671X>.

Considerações iniciais

«Coisa rota, da qual foram perdidas as partes»: esta é a definição de «fragmento», do latim *frag-mèntum*, da mesma raiz de «frágil». Os contos de Conceição Evaristo reunidos na coletânea *Olhos d'água*, publicada em 2014, são peças, fragmentos narrativos de natureza lírica, que se encaixam para formar uma imagem maior: a de um quadro do cotidiano das gentes de meios menos favorecidos do Brasil, marcado por um autoritarismo social que lhes controla a vida numa espiral de discriminação, não aceitação das diferenças, racismo, violência doméstica e da comunidade sobre a mulher e as crianças. Cada conto apresenta fragmentos de vida e vidas fragmentadas, numa grande cena formada por micromundos, que se espelham em olhos de mãe, de amantes, de filhos, fazendo a escritora uso da literatura como forma de compor, enfrentar, suportar e desafiar um mundo em que nascer negra, pobre, diferente, sem obedecer aos condicionalismos de uma sociedade marcada pelo privilégio da cor, do estatuto social e da pretensa normalidade, significa a maior parte das vezes aceitar a subalternidade e manter-se nas margens da geografia social.

Mais ou menos como ser vítima de balas perdidas das quais não se tem culpa. Ou, como no caso do conto em apreço, como crescer quase sem brinquedos e com uma boneca rota, a quem falta um fragmento, também ela

produto e imagem, pertença, do meio em que Zaíta nasce.

No mundo disfórico da pobreza e da violência das favelas, em que o autoritarismo é representado pelos condicionamentos da sociedade e pela violência exercida pelos privilegiados, bem como por uma parte dos excluídos, os que entram na criminalidade, sobre os mais débeis, o que pode a literatura?

Tendo a escrita a capacidade de refletir e de agir sobre realidades complexas e de influenciar mentalidades, de criar e transmitir ideias através da estruturação do sentido que fazemos do mundo, as narrativas (e a escolha de trama, personagens, convenções e escolhas estilísticas) têm a possibilidade de sancionar ou criticar e denunciar situações, contextos e conjunturas sociais. Se pelas palavras se perpetuam mitos, também se criam novas mitologias, retratam situações, condena o presente, reflete sobre o passado e se alerta os leitores para a necessidade da reescrita dos próprios contextos culturais e sociais. Françoise Lionnet, a propósito das mulheres escritoras, afirma que os autores se sabem produtores de imagens que participam das representações dominantes, mas que também minam e subvertem essas representações a partir da revisão dos guiões mais comuns e mais familiares (Lionnet, 1995: 101). A literatura é, portanto, como todas as linguagens artísticas, o espaço ideal onde se traduz o sofrimento e a violência e onde se pode car-

tografar as «geografias da dor», nas palavras de Françoise Lionnet, denunciá-las, levando o leitor a um processo cognitivo de iluminação e (re)conhecimento. Um processo que, em última análise, o leve à atuação e à mudança.

O Brasil de Conceição Evaristo é o das arbitrariedades e prepotência de um sentimento colonialista na relação com o negro, ao qual no passado se impôs a língua, a religião e os costumes, e o dos neocolonialismos latentes pela desumanização dos pobres, pela discriminação do diferente e pelo racismo. As novas tendências do orgulho nacionalista que exclui em vez de incluir, que recalca as desigualdades de classe e vive da exploração e da insensibilização em relação ao ser humano, têm como consequência a dor provocada nos mais fracos: as crianças e as mulheres.

Jean-François Dortier encontra nas sociedades humanas a violência em múltiplas formas: na guerra, na violência do Estado (repressão, tortura, prisão) e nas relações pessoais, alargando-a às áreas da moral e das violências simbólicas (como a escolar, urbana, etc.) (Dortier, 2008: 747-749). A antropologia cultural chamou para a área do social as razões da violência, afastando-se da ideia de que esta depende principalmente da pulsão destruidora do Homem e dos seus instintos agressivos (como desenvolvido, por exemplo, pela visão de Konrad Lorenz), com Ruth Benedict, Albert Bandura e Stanley Milgram a sublinharem nas suas obras o impacto do meio e

os modelos de comportamento como causas da violência. Calixthe Beyala, escritora dos Camarões, numa entrevista dada a Emmanuel Matateyou, explicou a sua posição em relação à impossibilidade de distinção entre violências, defendendo que esta, independentemente da situação, é no essencial sempre violência, seja privada, seja pública: «A woman sold or prostituted; a dictator who goes into the street, meets a man and shoots him in the head. It is exactly the same; one should not separate the two worlds, going into the depth of a human soul» (*apud* Matateyou, 1996: 609). A literatura, segundo a autora, deve tratar das duas sem divisões, que são, no fundo, artificiais, porque o ser humano é, afinal, um só.

A violência exprime-se nas narrativas de Conceição Evaristo como fragmentação, por um «eu» que se rompe, e raras vezes se reconstitui, numa sociedade também ela a necessitar de ser reparada. Por isso, o que conta é o que destrói a harmonia, que transforma o lirismo em drama, marcando o tempo de tal forma que não existe uma verdadeira duração, mas apenas o antes e depois da violência, ou, às vezes, um tempo que não se declina em futuro, como é o caso da infância traída e interrompida de forma abrupta.

Nas literaturas lusófonas, há exemplos de vários autores que refletem na sua escrita a violência, em particular a que tem como objeto a mulher e as crianças. De Paulina Chiziane, com a dor da mulher explorada pelo autorita-

rismo dos senhores, colonos e companheiros, a Pepetela – que, muitas décadas depois, como em *Capitães da areia*, de Jorge Amado, que retratou as crianças de rua da Bahia, retrata com especial sensibilidade a pobreza e a miséria das crianças de rua de Angola, revelando a distância da elite angolana relativamente à realidade vivida no país –, a literatura faz um retrato-denúncia de uma situação que é complexa e que exige por parte do leitor o reconhecimento e a catarse.

Tânia Pellegrini realça na literatura brasileira precisamente o facto de que a História, «transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia» (Pellegrini, 2008: 42). Na modernidade, o espaço é dado à violência urbana como pano de fundo, mas também como sujeito condicionador e autoritário, de um viver variado e multiforme, ignorado por uma parte significativa da sociedade. Se autores como Rubem Fonseca, Paulo Lins, Drauzio Varella e Luiz Alberto Mendes, no interior da literatura urbana, dramatizam a violência como diretriz da sua organização formal, submetendo-lhe as personagens, os espaços, a trama, a paisagem, também Conceição Evaristo, num estilo diferente, faz gerar da tensão dominadora a violência de género – que se esconde (e é justificada) por detrás do racismo e da pobreza – e sobre as crianças. O preconceito, a desumanização, a discriminação e a distância, por um lado, o sofrimento

interior e a dor, por outro, marcam os contos da autora. Da violência restam os fragmentos de espírito e corpo que ganham a persistência do todo através da escrita. O leitor é o ouvinte que o narrador escolheu para depositar o que sabe e para ver o *puzzle* na sua inteireza. No fundo, o ser fragmentado encontra uma unificação através da «pequena-grande narrativa», a narrativa que mostra e demonstra, a que nos leva a tentar perceber os porquês. Sem dramas e sem sentimentalismos, dá-nos a medida do significado da dor.

O conto

No parágrafo de abertura do conto, apresentam-se preocupações típicas de uma criança: Zaíta não encontrava uma figurinha de que gostava muito e que acreditava ter sido levada pela irmã. Tinha também medo de que a mãe lhe batesse, caso reclamasse do desaparecimento do brinquedo. A busca pela figurinha-flor é o que move a menina para longe da sua casa e o que permeia os seus pensamentos enquanto caminha pelos becos da favela em que mora. A quebra brusca de isotopia dá-se quando o tiroteio interrompe essa ingenuidade, ceifando a vida da pequena Zaíta, numa denúncia dura de que algumas crianças não têm direito à infância.

Narrada em terceira pessoa, a vida da família da personagem principal é, gradualmente, compartilhada com o leitor: Benícia é mãe solteira e tem quatro filhos: dois rapazes e duas gémeas. Nomeiam-se apenas as mulheres da

família, enquanto os filhos são descritos como «o primeiro» e «o segundo». Destaca-se, assim, como em outros textos da autora, a perspectiva feminina. Ainda que tenhamos acesso, principalmente, às indagações da criança Zaíta, também se apresentam, por meio da narração omnisciente, as angústias dos pensamentos dessa mãe que batalha para manter os filhos longe da fome. No entanto, os dois rapazes traçam caminhos antagônicos. Ambos querem seguir carreira: o primeiro no Exército, o segundo no crime.

As temáticas trabalhadas por Evaristo, como a violência nas favelas brasileiras e a escassez de recursos em que vivem as pessoas que as habitam, surgem representadas por figuras singelas. Destacam-se os brinquedos com os quais as irmãs costumavam brincar: «Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados» (Evaristo, 2016: 72). À boneca preferida das irmãs, a mais bonita, «só» faltava um braço. Tal descrição materializa, metonimicamente, tanto a violência em que vivem, quanto a carência que medeia a vivência dessas personagens. As meninas brincam com restos de materiais descartados – com lixo. A boneca favorita não tem um braço e, ainda assim, é descrita como a mais completa dos brinquedos. É naturalizada a ausência de um pedaço do corpo, assim como é comum que as pessoas tenham seus corpos violados.

Nas primeiras passagens do texto, a figurinha-flor é descrita como «a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores», da qual «um doce perfume parecia exalar» (Evaristo, 2016: 71), e temos acesso à doçura, ingenuidade e imaginação típicas da infância. A garota é capaz de imaginar o cheiro que as flores da ilustração exalam. As palavras no diminutivo, por sua vez, carregam um efeito de sentido afetivo. No entanto, quando Zaíta sai à procura desse objeto afetivo desaparecido, já angustiada, «tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais» (Evaristo, 2016: 73). De facto, Naíta, a irmã, tinha-a perdido. A perda da figura simboliza a perda da inocência infantil para ambas. Mais do que isso, assim como a garotinha da imagem deixa de existir, Zaíta não existe mais no fim da narrativa, e Naíta terá de viver com a ideia do desaparecimento da irmã.

A imagem da boneca sem um dos braços, por sua vez, e o destino que a acomete refletem também a temática da violência. Ainda que, no início da narrativa, a boneca já estivesse mutilada – o que representa as ausências e faltas da vida dessas pessoas –, ainda existia, era ainda a mais bonita. Quando a criança sai à espera de encontrar a figura, deixa no chão «a linda boneca negra, com seu único braço aberto», que «parecia sorrir desamparadamente feliz» (Evaristo, 2016: 73). A escolha das palavras mais uma vez chama a atenção, uma vez que a felicidade não costuma vir acompa-

nhada de desamparo. Nesse momento, o leitor é alertado para a desproteção da própria Zaíta.

Numa das cenas seguintes, irritada com a banguça deixada pelas meninas, a mãe «apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos, a boneca estava destruída» (Evaristo, 2016: 75). A destruição da boneca também atua como materialização do desmantelamento da infância, da possibilidade de futuro e da duração da própria vida de Zaíta. Mesmo sem braço, ainda havia a possibilidade de resgate, ainda que pela imaginação. Quando destruída, porém, não há chance de retorno. Podemos, assim, fazer um paralelo com Zaíta, que, ainda que vivesse num contexto de faltas, escassez e desamparo, sobrevivia e tinha a capacidade de ver beleza mesmo num mundo autoritário, segregador e fragmentado.

Mas, num universo onde reina a arbitrariedade de uma violência que envolve todos, inclusive a própria mãe, que é obrigada a pensar em primeiro lugar nas necessidades primárias dos filhos e não consegue perdoar os brinquedos espalhados pela casa, e obriga a escolhas, como, no caso dos irmãos, entre um «bem» e um «mal», ambos marcados pelo autoritarismo e pela violência (o Exército e as ruas), não há resgate da dominação de uma vida que antes de ser decisão é destino.

Nos últimos trechos, a delicadeza representada pela figurinha-flor e pelos sonhos de Zaíta é abruptamente interrompida pela troca de tiros. As balas «desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar» (Evaristo, 2016: 76). Nesse momento, a imagem da flor é atravessada pela erva daninha, a candura da criança pela violência de uma realidade dura. O conto dialoga com vários outros textos da autora que, conforme a própria, retratam experiências. Vivências que testemunham a realidade brasileira retratada na obra e que, escritas, permitem a discussão sobre o quanto a sociedade condiciona a fragmentação dos seres humanos.

Discussão

No conto «Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos», Evaristo denuncia, mais uma vez, a vivência de incontáveis crianças que vivem em comunidades brasileiras. Ainda que ficção, não é fantasia. Segundo o Centro Regional das Nações Unidas para a Paz, Desarmamento e Desenvolvimento na América Latina e Caribe, órgão da ONU, entre 2014 e 2015, o Brasil era o país com maior número de mortes causadas por balas perdidas de toda a América Latina e Caribe. Segundo dados do Instituto Fogo Cruzado, divulgados em 2021, 103 crianças foram baleadas no Rio de Janeiro entre 2017 e 2021, tendo a maioria dos casos acontecido em comunidades, durante conflitos de facções rivais ou operações policiais.

Apenas a título de exemplo, e para que não sejam esquecidos: em março de 2022, Heloysa Gabrielly, de seis anos, foi morta no quintal da sua casa, enquanto brincava, com um tiro no peito, numa ação da Polícia Militar em Porto de Galinhas, Pernambuco, na comunidade de Salinas. Ainda que o inquérito tenha sido concluído, a Polícia Civil não divulgou de onde partiu o tiro que matou a menina. Em dezembro de 2020, as primas Emily Victória da Silva Moreira Santos, de quatro anos, e Rebeca Beatriz Rodrigues dos Santos, de sete anos, brincavam na comunidade Barro Vermelho, no Rio de Janeiro, quando, durante uma operação policial, foram atingidas por um único tiro de fuzil que matou as duas. Na virada do ano de 2021, Alice Pamplona da Silva foi morta, aos cinco anos, atingida por um tiro durante as comemorações de Ano Novo, no Morro do Turano, Rio de Janeiro. Mizaél Fernandes da Silva, de 13 anos, foi assassinado pela Polícia Militar dentro de casa, enquanto dormia, na região metropolitana de Fortaleza, em julho de 2020. Meses antes, em setembro de 2019, também o seu primo Juan Ferreira dos Santos foi morto com um tiro acidental da Polícia Militar, na mesma região. Estes são alguns das centenas de casos diários de violência contra crianças e jovens no Brasil.

A lista de crimes registados é extensa, não sendo possível transcrevê-la integralmente neste espaço. Devem ainda ser considerados aqueles que acontecem todos os dias em silêncio, longe dos olhos da imprensa. Não são

assegurados a essas crianças direitos básicos, de cidadania e de segurança, sendo a morte e a violência parte do quotidiano da vida nas periferias brasileiras.

É importante, ainda, que as pessoas não sejam reduzidas a estatísticas de violência. Assim como Zaíta, essas crianças tinham famílias, identidades e particularidades que as tornavam únicas no mundo. Não são apenas números. Ainda que a frequência desses crimes possa dessensibilizar a população para sua gravidade, obras como o conto aqui analisado atuam como ferramenta para uma percepção mais humana desse tipo de acontecimento.

Ainda que sejam comumente chamadas no Brasil de «balas perdidas», esses disparos são certos quanto aos corpos que atingem: negros e pobres. Não são casos isolados e acidentais, mas que acontecem de maneira sistemática.

Em jeito de conclusão

A violência extrema contra as mulheres enquanto mulheres, contra as crianças enquanto crianças, tem lugar na literatura de todos os séculos, geralmente de forma secundária, e só em tempos relativamente recentes a escrita das mulheres, cada vez mais motivada pela emergência social, que tem a sua extrema manifestação no feminicídio e no infanticídio, está consciente de uma nova função: a de representar as situações. O momento em que a consciência da mulher entra na linguagem e

a linguagem se encarrega da representação da violência contra o corpo feminino e da criança é uma importante etapa que muda as próprias relações de poder entre quem vê e o que é visto. O olhar masculino, ainda que atento, não é o das escrituras de Conceição Evaristo, narradora que se assume menina e mulher de um mundo semelhante ao retratado.

Dialoga, desta forma, a autora com o cânone tradicional, decretando a sua ampliação. A intencionalidade da sua escrita não é a de defender ideologias ou ser panfletária, mas responde à necessidade de contar, de inserir na narrativa a possibilidade de atingir o objetivo de denúncia e visibilidade das consequências do autoritarismo social e da violência, contribuindo para o reconhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres e meninas numa sociedade em que a violação dos direitos humanos é da área de interesse público, embora seja principalmente perpetrada na esfera privada, familiar e de bairro, entre casas. Podemos, por isso, colocar a obra de Conceição Evaristo em diálogo com a produção literária mundial recente que apresenta uma tipologia bastante estável: a literatura que tem como temática as histórias individuais/coletivas de sujeitos femininos, muitas vezes mudos e passivos, se não fosse pela voz dos autores, e a que desvela o sofrimento das crianças quando o mundo que as circunda as faz crescer depressa demais e lhes destrói os sonhos e a vida (veja-se, a título de exemplo, o livro de 2019 de Viola Ardone, *Il treno dei bambini*, ou

os livros de poesia de Margherita Rimi cuja temática é o abuso sexual das crianças, como, também de 2019, *Le voci dei bambini. Poesie 2007-2017*). Uma literatura que denuncia e se rebela, construindo um repertório de análise em que narração e linguagem se unem para revelar a ocultação generalizada das vítimas, que muitas vezes vivem sem um braço, se alegram e veem beleza nos mutilados.

A estratégia discursiva de Conceição Evaristo e a sua forma estilisticamente sólida, fazendo da história curta uma narrativa articulada e consciente de vivências repensadas em caminhos individuais e coletivos, permitem a análise e, assim, o fortalecimento da consciência, traduzindo o real em ficção e procurando que a ficção realize um novo real. O lírico, que sem sentimentalismos explica o drama, narra uma crônica de prolongada violência para explodir com o petrificado e cristalizado, talvez na eterna esperança, de toda a arte, de reconstrução dos fragmentos, formando corpos inteiros e com escolhas verdadeiras.

Bibliografia

Impressa

- Dortier, J.-F. (2008). Violence. Em: J.-F. Dortier (dir.). *Le dictionnaire des sciences humaines*. Sciences Humaines Éditions. Auxerre;
- Evaristo, C. (2016). *Olhos d'água* (1.^a ed., 3.^a reimp.). Pallas Editora. Rio de Janeiro;
- Lionnet, F. (1995). *Postcolonial representations: Women, literature, identity*. Cornell University. Ithaca/London;

Matateyou, E. (1996, março). Calixthe Beyala: Entre le terroir et l'exil. *The French Review*, **69** (4): 605-615;

Pellegrini, T. (2008). No fio da navalha: Literatura e violência no Brasil de hoje. Em: R. Dalcastagnè (org.). *Ver e imaginar o outro – Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira Contemporânea*. Editora Horizonte. São Paulo.

Digital

Criança de 6 anos é morta a tiros durante ataque na Grande SP (2022, 30 de julho). *Folha de S. Paulo*. Acedido a 7 de novembro de 2022, em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/crianca-de-6-anos-e-morta-a-tiros-durante-ataque-na-grande-sp.shtml>;

Lemgruber, J., Musumeci, L., Ramos, S. (coord.). *Infância interrompida: Números da violência contra crianças e adolescentes*. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. Rio de Janeiro [versão eletrônica]. Acedido a 7 de novembro de 2022, em: [https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Inf%C3%A2ncia-interrompida_n%C3%BAmeros-da-viol%](https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Inf%C3%A2ncia-interrompida_n%C3%BAmeros-da-viol%C3%Aancia-contra-crian%C3%A7as-e-adolescentes.pdf)

[C3%AAncia-contra-crian%C3%A7as-e-adolescentes.pdf](https://cesecseguranca.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Inf%C3%A2ncia-contra-crian%C3%A7as-e-adolescentes.pdf);

ONU: Brasil lidera ranking de mortes por bala perdida na América Latina e Caribe (2016, 5 de agosto). *Brasil de Fato*. Acedido a 7 de novembro de 2022, em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/05/onu-brasil-lidera-ranking-de-mortes-por-bala-perdida-na-america-latina-e-caribe/>;

Soares, A.L. (2021, 11 de outubro). Em 5 anos, 103 crianças foram baleadas e 30 morreram vítimas da violência no Rio. *CNN Brasil*. Acedido a 7 de novembro de 2022, em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/em-5-anos-103-criancas-foram-baleadas-e-30-morreram-vitimas-da-violencia-no-rio/>;

Vasconcelos, C. (2020, 5 de dezembro). As primas Emily, 4, e Rebeca, 7, brincavam na frente de casa. Um tiro de fuzil levou a vida das duas. *Ponte Jornalismo*. Acedido a 7 de novembro de 2022, em: <https://ponte.org/as-primas-emily-4-e-rebeca-7-brincavam-na-frente-de-casa-um-tiro-de-fuzil-levou-a-vida-das-duas/>.